

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 2 Maio - Agosto 2023

ARTIGOS

## PINDORAMA DE MBOÏA E ÎAKARÉ: CONTINUIDADE E MUDANÇA NA TRAJETÓRIA DAS POPULAÇÕES TUPI\*

Ângelo Alves Corrêa\*\*

### RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados das análises empreendidas em 1.570 vasilhas cerâmicas inteiras e semi-inteiras, entendidas à luz de 780 fontes bibliográficas e contextualizadas nos mais de 5 mil sítios arqueológicos mapeados, todos relacionados a povos do tronco linguístico Tupi. Os dados sobre localização, cronologia dos sítios arqueológicos, morfologias e acabamentos de superfície das cerâmicas foram utilizados a fim de contribuir para o entendimento e o aperfeiçoamento dos modelos arqueológicos, em associação com os modelos linguísticos e dados históricos e etnográficos. Como resultado, apresento um detalhamento sobre as diferenças e semelhanças nos conjuntos cerâmicos das regiões ocupadas pelos Tupi. Este quadro detalhado possibilitou perceber os fenômenos de continuidade e mudança transcorridos ao longo de sua história e evidenciados pelas mudanças e persistências nas práticas culturais refletidas nas cerâmicas. Os modelos arqueológicos sobre os Tupi vão se complexificando *pari passu* com o acúmulo e análise de dados. Nos anos de 1980, com Brochado, saímos de uma tradição Tupiguarani engessada para o entendimento de conjuntos cerâmicos que refletiam a história de povos falantes de línguas Tupinambá e Guarani. Aqui, apresento, além destes dois, outros conjuntos individualizados e denominados como Tupi Norte-Occidental, Tupi Norte-Oriental e Proto-Tupinambá. Com tal complexificação, o objetivo vai além de apresentar apenas os dados arqueológicos, e se intenciona apresentar hipóteses sobre a história de longa duração das populações do tronco Tupi.

**Palavras-chaves:** Arqueologia Tupi; cerâmica arqueológica; Tupi-Guarani.

\* O texto aqui apresentado é uma adaptação de parte da tese Pindorama de Mboïa e Îakare Continuidade e Mudança na Trajetória das Populações Tupi, contemplada com o Prêmio Luiz de Castro Faria/Iphan edição 2015 e com a Menção Honrosa no Prêmio Tese Capes edição 2015.

\*\* Docente do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí. E-mail: [angelo@ufpi.edu.br](mailto:angelo@ufpi.edu.br). ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7268-2341>

## PINDORAMA OF MBOÏA AND ÎAKARÉ: CONTINUITY AND CHANGE IN THE TRAJECTORY OF TUPI POPULATIONS

### ABSTRACT

The aim of this article is to present the results of the analysis of 1,570 whole and half-whole ceramic vessels, understood in the light of 780 bibliographic sources and contextualized in the more than 5 thousand mapped archaeological sites, all related to people of the Tupi linguistic stock. Data on location, a chronology of archaeological sites, morphologies, and surface treatment of ceramics were used to contribute to the understanding and improvement of archaeological models in association with linguistic models and historical and ethnographic data. As a result, I present details about the differences and similarities in the ceramic sets of the regions occupied by the Tupi. This detailed picture made it possible to perceive the phenomena of continuity and change throughout its history, evidenced by the changes and persistence in cultural practices reflected in ceramics. Archaeological models of the Tupi are becoming more complex *pari passu* with the accumulation and analysis of data. In the 1980s, with Brochado, we left a Tupiguarani tradition plastered to the understanding of ceramic sets that reflected the history of people speaking Tupinamba and Guarani languages. Here, I present, in addition to these two groups, others individualized sets denominated as Tupi Norte-Occidental, Tupi Norte-Oriental, and Proto-Tupinambá. With such complexification, the objective goes beyond presenting only the archaeological data, and it intends to present hypotheses about the long-term history of the populations of the Tupi stock.

**Keywords:** Tupi Archaeology; archaeological ceramics; Tupi-Guarani.

## PINDORAMA DE MBOÏA E ÎAKARÉ: CONTINUIDAD Y CAMBIO EN LA TRAYECTORIA DE LAS POBLACIONES TUPÍES

### RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar los resultados de los análisis realizados en 1.570 vasijas de cerámica enteras y casi enteras, bajo la luz de 780 fuentes bibliográficas, contextualizadas en más de 5.000 yacimientos arqueológicos mapeados; todos ellos relacionados con los pueblos del tronco lingüístico tupí. Se utilizaron datos sobre la ubicación, cronología de los yacimientos arqueológicos, morfologías y acabados superficiales de las cerámicas para contribuir a la comprensión y mejora de los modelos arqueológicos en asociación con los modelos lingüísticos y datos históricos y etnográficos. Los resultados presentan en detalle las diferencias y similitudes en los conjuntos cerámicos de las regiones ocupadas por los tupíes. Este cuadro detallado permitió percibir los fenómenos de continuidad y cambio que se han producido a lo largo de su historia, además de evidenciar los cambios y persistencias en las prácticas culturales que se reflejan en las cerámicas. Los modelos arqueológicos de los tupíes se están volviendo más complejos *pari passu* con el almacenamiento y el análisis

de datos. En los 1980, con Brochado se partió de una tradición tupí-guaraní para comprender los conjuntos de cerámica que reflejaban la historia de los pueblos hablantes del tupinambá y guaraní. En este texto se presenta, además de estos dos conjuntos, otros que son individualizados y se llaman Tupí Norte-Occidental, Tupí Norte-Oriental y Prototupinambá. Esta complejización permite ir más allá de los datos arqueológicos al plantear hipótesis sobre la historia de larga duración de las poblaciones del tronco Tupí.

**Palabras clave:** Arqueología Tupí; cerámica arqueológica; Tupí-Guaraní.

## UM "CAUSO" COMO PRÓLOGO OU ASSIM NASCEU UMA HIPÓTESE

Durante pesquisa sobre a ocupação Tupinambá na microrregião de Juiz de Fora/MG (CORRÊA, 2004, 2009), analisei a bibliografia para avaliar a cronologia e a distribuição espacial dos sítios arqueológicos relacionados aos falantes das línguas Tupi-Guarani. Paralelamente, tive a oportunidade de conhecer vários sítios e vestígios associados aos Tupi em partes diversas do país. Especialmente as diferenças entre dois conjuntos da Região Nordeste me chamaram a atenção, pois os sítios dos municípios de Brejo Santo/CE e Abaiara/CE, no sul do Ceará (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2008) apresentavam vasilhas cerâmicas típicas Tupi<sup>1</sup>, mas muito diferentes do que eu conhecia como Tupinambá dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. Ao mesmo tempo, os vestígios associados aos sítios no município de Bodocó/PE, oeste pernambucano, eram muito parecidos com os Tupinambá. Assim ficou a questão: como as cerâmicas de Bodocó/PE podem ser mais semelhantes às de Juiz de Fora/MG, a mais de 1.500 km de distância, do que com as de Brejo Santo/CE, a apenas 100 km? Em termos de cronologia, os sítios de Brejo Santo/CE eram quase 800 anos mais antigos do que os de Bodocó/PE. Em síntese, para mim se apresentou um binômio: Tupinambá – Tupi do Norte (assim como na bibliografia já é factível para o estado de São Paulo o binômio: Tupinambá – Guarani).

Os principais elementos dos conjuntos cerâmicos analisados por Brochado para classificar as subtradições Tupinambá e Guarani foram o acabamento de superfície e a morfologia das vasilhas cerâmicas, com destaque para vasilhas inteiras ou reconstrução a partir dos fragmentos (BROCHADO, 1980, 1984; BROCHADO; MONTICELLI, 1994; BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990; LA SALVIA; BROCHADO, 1989). Então, comecei a pensar como seria produtivo conhecer as morfologias e acabamentos de superfície das vasilhas inteiras e semi-inteiras das coleções e museus, ideia já sugerida em artigo de Scatamacchia, Caggiano e Jacobus (1987). Daí nasceu a metodologia desta pesquisa, na qual dediquei-me a realizar a análise amostral no Brasil através da bibliografia e das coleções arqueológicas de vasilhas inteiras em coleções.

Partindo dos modelos e dados disponibilizados pelas pesquisas anteriores, pude ter uma ideia mais completa do *status* de nosso conhecimento sobre as populações Tupi. Conhecer a morfologia e os acabamentos de superfície de mais de 1.500 vasilhas inteiras em 17 estados brasileiros, acompanhadas por 643 datações, me permitiu pensar nos processos que poderiam ter levado à continuidade e/ou mudança destas cerâmicas ao longo do tempo e do espaço. Todos esses dados, coadunados com os modelos da linguística histórica e demografia, sob uma perspectiva etnográfica, me permitiram pensar como refletiriam a história de longa duração das populações Tupi. E, assim, busquei contribuir com o avanço da compreensão dos processos que levaram à constituição do quadro de ocupação encontrado pelos europeus e parcialmente exposto no mapa etnográfico de Curt Nimuendajú (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2002).

A erudição adquirida durante a pesquisa me permitiu olhar para os modelos de origem e dispersão destes povos a partir da perspectiva empírica dos artefatos cerâmicos. Destarte, o binômio Tupinambá – Tupi Norte pareceu-me tão interessante quanto esclarecedor frente aos dois principais modelos de dispersão das populações Tupi (BROCHADO, 1984; MEGGERS *et al.*, 1988). Com base na bibliografia, foi possível

---

<sup>1</sup> Trata-se aqui não apenas de cerâmicas da tradição Tupiguarani ou das subtradições Tupinambá e Guarani (BROCHADO, 1984), mas de forma mais abrangente entendidas como oriundas das atividades de populações falantes de línguas filiadas ao tronco linguístico Tupi (RODRIGUES, 2000).

perceber que, de Pernambuco para norte e oeste, as cerâmicas guardavam mais semelhanças entre si do que com aquelas da Bahia e dos estados da Região Sudeste. Para a Região Sudeste e Bahia, é clara a associação com o conjunto descrito como Tupinambá em oposição às cerâmicas do Norte, que apresentavam maior semelhança com as pesquisadas no interflúvio dos Rios Xingu e Tocantins (ALMEIDA, 2008; 2013; ALMEIDA; NEVES, 2015; GARCIA, 2012). O raciocínio lógico foi pensar como Brochado (1984), ou seja, que os Tupi do Norte na Região Nordeste teriam vindo do leste da Amazônia por uma rota oeste-leste.

Contudo, a grande diferença entre estas cerâmicas do Norte em relação à cerâmica Tupinambá levou-me a pensar também no modelo de Meggers *et al.* (1988), segundo o qual os antepassados dos Tupinambá teriam migrado pelo interior do país em rota semelhante aos Guarani e, depois, se dirigido para norte, colonizando o nordeste, numa espécie de arco migratório, à semelhança de uma rodilha de cobra (*mboia*) em oposição as mandíbulas do jacaré (*ïakarê*) de Brochado (1984). Isto explicaria não só a presença de Tupinambá e Tupi do Norte, mas também a possível linha de encontro entre eles na altura do estado de Pernambuco (OLIVEIRA, 2009). Ou seja, a explicação para este fenômeno regional seria a expansão desde a Amazônia para leste, até Pernambuco, pelos Tupi do Norte, e a expansão dos Tupinambá pelo interior e depois em sentido norte. Assim, com base apenas nos dados bibliográficos, o modelo de Meggers *et al.* (1988) pareceu inicialmente tão plausível quanto os de Brochado (1984).

Em 2011, lancei-me às coleções para fotografar e analisar o maior número de vasilhas possíveis, o que contribuiu significativamente para mudar a forma de pensar os modelos apresentados acima.

Ao analisar coleções de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Maranhão, percebi que, nos sítios onde eram encontradas morfologias típicas do Tupi do Norte, também havia morfologias típicas do Tupinambá. Muitos são os processos que poderiam explicar esta concomitância, entretanto, parece mais plausível a hipótese de Brochado (1984) de expansão pelo litoral norte até o nordeste e depois para o sul. Mas ao modelo de Brochado deve-se incluir o fator “mudança”, no qual o conhecimento do fazer cerâmico levado pelos povos que saíram do interflúvio Xingu-Tocantins teria se transformado até o Nordeste, constituindo-se no que conhecemos como morfologias e acabamentos de superfície Tupinambá. Ou seja, num processo de transformação, grupos Proto-Tupinambá saídos do leste amazônico lentamente teriam se modificado, originando os Tupinambá. Aparentemente, as principais mudanças perceptíveis em seu conjunto cerâmico ocorreram já na Região Nordeste, considerando que alguns elementos amazônicos perduram até esta região, mas não sendo perceptíveis ao sul de Pernambuco.

Cabe aqui ressaltar que, para este modelo, estou entendendo as mudanças que ocorrem nos conjuntos cerâmicos como sendo lentas e graduais (BASALLA, 1988), influenciadas pelo binômio dieta-etiqueta (LA SALVIA; BROCHADO, 1989) e ocorrendo em consequência do processo histórico que levou à diferenciação entre os povos. Contudo, não é possível desconsiderar a força motriz de estilos emblemáticos conscientes ou inconscientes (WIESSNER, 1989) sendo criados para refletir aspectos identitários.

Em síntese, os dados coletados na bibliografia (ALMEIDA; NEVES, 2015; CORRÊA, 2014, 2017; CORRÊA; SAMIA, 2008; MELLO; KNEIP, 2005; RODRIGUES; HAUPTMANN; HARTMANN, 1964) e as cerâmicas permitem concluir:

- o território do atual estado de Rondônia como possível centro de origem, de onde parte dos falantes das línguas do tronco Tupi se movimentaram para leste do Rio Tapajós, onde ocorreu por diversos processos históricos a formação dos povos de línguas Tupi-Guarani;

- a partir da região entre o Tapajós-Tocantins, os falantes de línguas Tupi-Guarani levaram sua tradição cerâmica com características próprias para áreas mais ao sul e até a Região Nordeste;
- durante a movimentação da Amazônia para o sul, modificações no modo de vida também modificaram o conjunto cerâmico, que ganhou novos contornos e acabamentos, dando origem à cerâmica Guarani;
- durante a movimentação da Amazônia para o Nordeste, as modificações no modo de vida também modificaram o conjunto cerâmico, que ganhou novos contornos e acabamentos, dando origem à cerâmica Tupinambá; e
- ao mesmo tempo, ocorreram modificações no modo de vida das populações de língua Tupi-Guarani que permaneceram na Amazônia e em seus conjuntos cerâmicos, originando os povos e conjuntos artefatuais encontrados no momento do contato com os não indígenas e até atualmente na região.

A análise dos conjuntos cerâmicos permitiu entender que o que inicialmente eu estava chamando de conjunto Tupi do Norte, e que incluía cerâmicas Tupi da Amazônia e da Região Nordeste, deveria ser repensado e subdividido – o que foi feito em três conjuntos e denominado de Tupi Norte-Occidental, Tupi Norte-Oriental e Proto-Tupinambá, como apresentados adiante. Ressalto que estas divisões são preliminares, devendo se efetivar com o avanço dos estudos novos enquadramentos.

Para os que se contentam com o corte da Navalha de Ockham e sua *Lex Parsimoniae*, o que aqui foi dito pode ser satisfatório. Para aqueles dedicados às complexidades que Karl Heider (1967) nos imputa a não simplificar, passemos ao modelamento hipotético-dedutivo.

#### MODELANDO COM LINGUÍSTICA E ARQUEOLOGIA

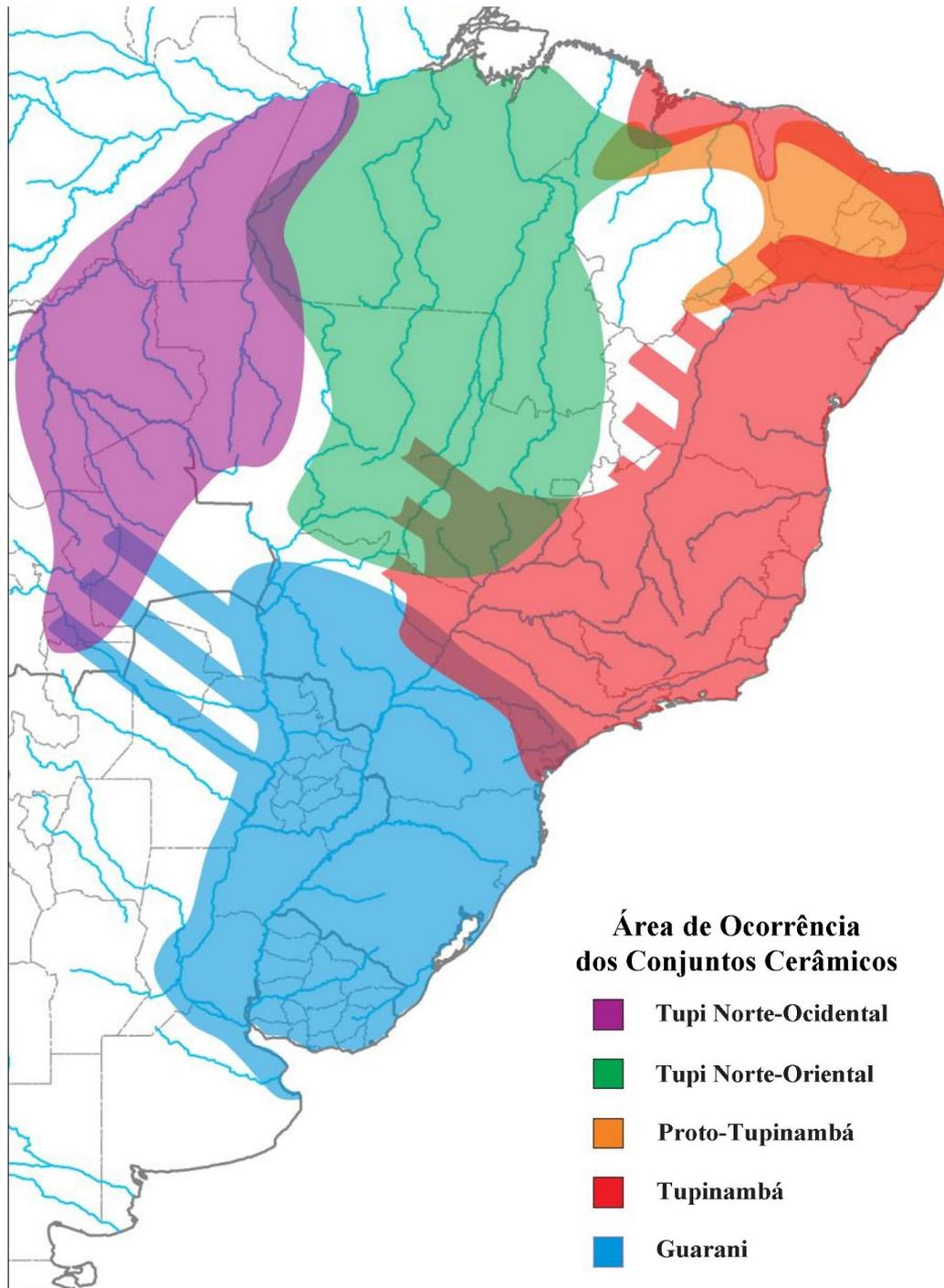
Apresento aqui contribuições aos modelos arqueológicos de Brochado (1984) e Meggers *et al.* (1988), e os modelos linguísticos de Rodrigues (2000), Rodrigues e Cabral (2012) e Mello e Kneip (2005), tanto por seus pontos em comum, como por suas diferenças.

Apresentarei pontos chave dos modelos abordados e os novos dados divididos regionalmente em cinco conjuntos cerâmicos. Ressalto, no entanto, que estes conjuntos cerâmicos devem ser pensados como produto material resultante de continuidades históricas entre as populações que os produziram, já que estão entrelaçadas espacial e temporalmente. Os conjuntos foram assim denominados e apresentados segundo o quadro espacial (Figura 1):

1. Tupi Norte-Occidental, representados por cerâmicas encontradas ao sul do Rio Amazonas entre as bacias dos Rios Madeira-Guaporé e Tapajós;
2. Tupi Norte-Oriental, representados por cerâmicas encontradas a leste da bacia do Rio Tapajós até as bacias dos Rios Gurupi e Tocantins;
3. Proto-Tupinambá, representados por cerâmicas encontradas a leste das bacias dos Rios Gurupi e Tocantins até a costa da Região Nordeste, a norte do estado da Bahia;
4. Tupinambá, representados por cerâmicas encontradas da Região Nordeste até a costa do Paraná, incluindo porções do interior até o estado de Mato Grosso; e
5. Guarani, representados por cerâmicas encontradas do sul da Bolívia e Mato Grosso até a Foz do Rio da Prata, incluindo o litoral sul até o estado do Paraná.

A representação cartográfica destas regiões de ocupação fica como contínuos, mas devem ser observados levando em consideração que os Tupi nunca ocuparam estas regiões por inteiro, tampouco foram os únicos ocupantes. Sempre houve outras populações não Tupi e, portanto, o mapa da Figura 1 apresenta as áreas máximas de possível ocupação.

**Figura 1.** Conjuntos cerâmicos Tupi definidos a partir de características morfológicas e de acabamento de superfície.



Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Quando denomino um dos conjuntos como Proto-Tupinambá, utilizo o termo “proto” como na linguística histórica, referindo-me tanto às línguas ancestrais como às populações que as falavam. Como ressaltou Noelli (2007), para conjuntos cerâmicos, o antepositivo “proto” só pode ser empregado para definir exatamente aqueles que deram origem a determinados conjuntos e cujos atributos atestam continuidade no estilo tecnológico. Vejamos agora cada conjunto e suas principais características.

### *Conjunto 1 – Tupi Norte-Occidental (entre as bacias dos Rios Madeira-Guaporé e Tapajós)*

Este é o conjunto de cerâmicas Tupi menos conhecido dentre todos, mesmo estando localizado numa região considerada o centro de origem do tronco Tupi (RODRIGUES, 1964, 2000, RODRIGUES; CABRAL, 2012). Esta região e os seus conjuntos cerâmicos talvez sejam o *nó Górdio* da arqueologia Tupi, devido ao que se pode encontrar entre os Rios Madeira-Guaporé e Tapajós, pois, como centro de origem e região com maior número de grupos falantes de línguas do tronco Tupi, é previsto que tenha desde cerâmicas Proto-Tupi (de mais de 5 mil anos) até cerâmicas produzidas por grupos etno-históricos, sendo, portanto, detentora de uma grande variação e variabilidade do ponto de vista arqueológico, bem como histórico e etnográfico.

Ainda é recente o foco em programas extensivos de pesquisa nesta região, o que dificulta avaliarmos as hipóteses acima; contudo, podemos tecer algumas considerações a partir das pesquisas realizadas, sobretudo, no estado de Rondônia (ALMEIDA, 2013; CRUZ, 2008, MILLER, 2009; ZIMPEL NETO, 2008).

Sendo a região que reúne o maior número de grupos etnográficos pertencentes ao tronco Tupi, seria também esperada maior concentração de cerâmicas relacionadas a estes povos. Contudo, não são cerâmicas muito semelhantes àquelas que se associam aos Tupinambá e Guarani, pois são muito antigas (Proto-Tupi) ou provêm de povos de outras famílias linguísticas não Tupi-Guarani. De modo geral, as vasilhas cerâmicas arqueológicas e etnográficas na região têm apresentado poucas angulações, sendo raras as que apresentam carenas ou angulações em relação à base ou borda (CRUZ, 2008; MILLER, 2009; ZIMPEL NETO, 2008). As formas mais típicas são cônicas, globulares e troncocônicas, com bordas extrovertidas; em calota ou meia calota, com bordas retas, introvertidas ou extrovertidas. As bordas em sua maioria não apresentam reforço ou expansão; quando há reforço, este, na verdade, se configura em faixa de argila aplicada próxima à borda, como suporte para algum tipo de acabamento plástico. As bases acompanham normalmente o formato cônico ou convexo em raros casos, ocorrem aplainadas (Figura 2).

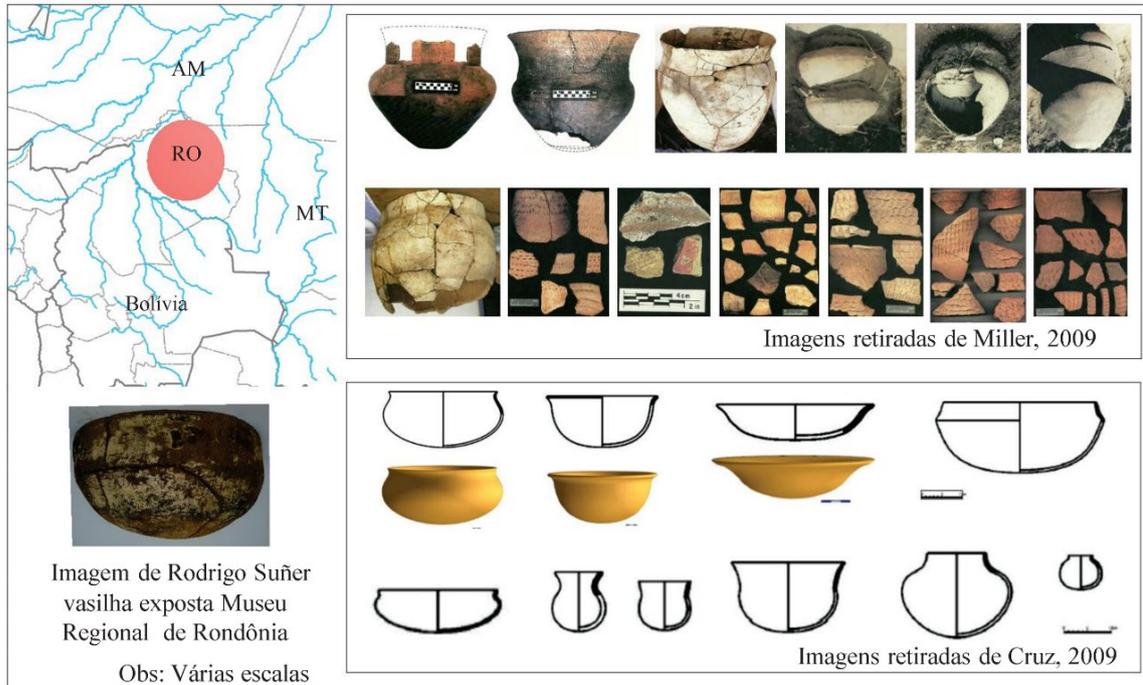
Como acabamento de superfície, prepondera o alisamento; todos os demais juntos nunca somam mais do que 10% das amostras (corrugado, unglados, incisos, ponteados, roletados, serrungulados, polimento, aplicação de barbotina, entalhado, digitado, acanalados, etc.). Os acabamentos de superfície se limitam aparentemente apenas às partes superiores das vasilhas, tendo os maiores diâmetros como limite. O acabamento cromático aplicado tanto na superfície externa quanto interna fica por conta principalmente de engobo vermelho e, em menor proporção, branco. A pintura vermelha, preta e branca, apesar de rara, ocorre em forma de linhas retas dispostas individualmente ou formando composições geométricas aplicadas sobre os tipos de engobo ou na superfície não engobada.

Para ajudar a clarear esses dados, destaco alguns dos elementos considerados emblemáticos: vasilhas preponderantemente de contorno cônico ou globular; bordas diretas sem reforço; bordas com inflexões e raramente ângulos; bases cônicas e convexas; baixa ocorrência de policromia, e acabamentos plásticos.

Chamo atenção para o fato de as cerâmicas descritas acima apresentarem morfologias comuns à maioria dos grupos do tronco Tupi, principalmente aqueles não pertencentes à família Tupi-Guarani, o que sugere a possibilidade de as cerâmicas até então descritas para esta região serem fruto das atividades destes últimos, levando a questionamentos sobre as rotas de deslocamento das populações que teriam originado os Guarani e os Tupinambá. Como as semelhanças entre as cerâmicas Tupinambá e Guarani são maiores entre si do

que em relação às cerâmicas presentes nesta região, não é possível que tenham derivado independentemente destas últimas, e tampouco é possível afirmar que aí estariam as rotas de deslocamento dos povos que deram origem aos Tupinambá e Guarani históricos.

**Figura 2.** Algumas cerâmicas Tupi Norte-Ocidental documentadas e área de ocorrência.



Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

### ***Conjunto 2 – Tupi Norte-Oriental (a leste da bacia do rio Tapajós até as bacias dos rios Gurupi e Tocantins)***

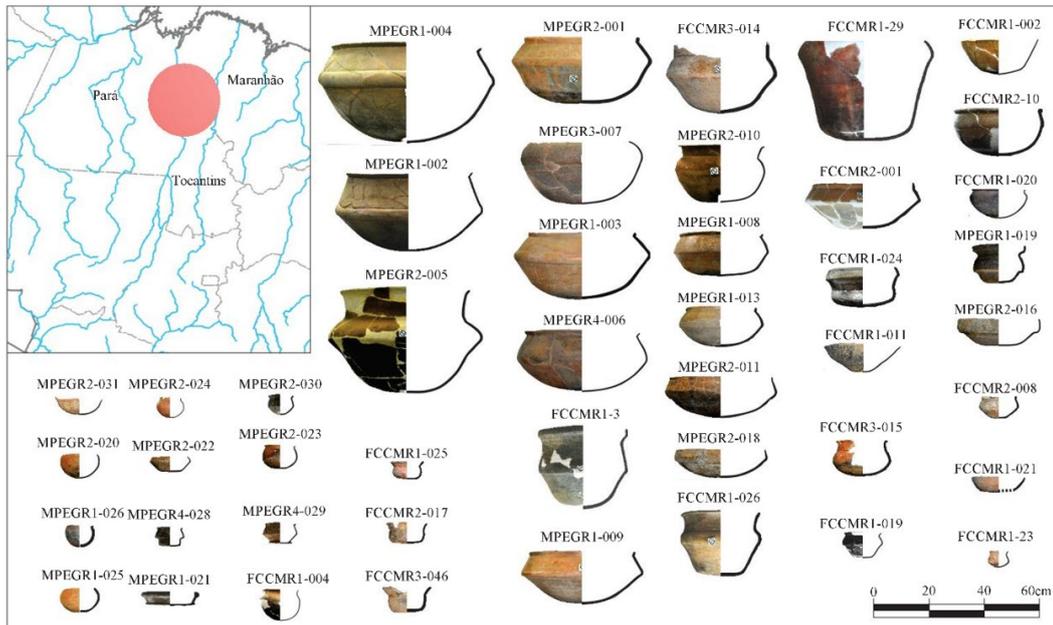
Defino como área de ocorrência das cerâmicas aqui enquadradas como Tupi Norte-Oriental o leste da bacia do Tapajós até as bacias dos Rios Gurupi e Tocantins, devido a esta região apresentar-se nos modelos como de grande relevância para o entendimento dos processos envolvendo as populações do tronco Tupi.

As pesquisas nesta região permitem algumas considerações. Primeiramente, temos que considerar que ela se apresenta como área de ocupação tradicional de muitos grupos Tupi e Tupi-Guarani, assim, temos no registro arqueológico regional as cerâmicas destes povos. Além dos conjuntos etnográficos, são encontradas no registro arqueológico suas variações ao longo do tempo, bem como de outros conjuntos relacionados a povos Tupi extintos antes de terem sido contatados, ou que abandonaram a confecção de cerâmica antes de qualquer coleta.

Nos sítios arqueológicos desta região que puderam ser associados às populações Tupi, há grande diversidade de morfologias e acabamentos de superfície (Figura 3). De modo geral, percebe-se, pelas análises, que a grande maioria das vasilhas eram apenas alisadas e provavelmente resinadas, frequentemente com algum tipo de banho ou engobo, e os demais tipos de acabamento de superfície restringem-se a menores porcentagens. A pintura policroma é uma constante nos sítios, ocorrendo em muitos fragmentos diretamente sobre a superfície interna ou externa, sem receber engobo ou após a aplicação de engobos brancos ou vermelhos. É importante ressaltar que as pinturas são formadas por linhas grossas (mais de 2 mm) ou mesmo faixas retas ou curvas, especialmente em

cores quentes, como o vermelho. As cores escuras, como o preto, foram aplicadas como linhas mais finas ou no preenchimento de espaços, formando triângulos e retângulos.

**Figura 3.** Algumas cerâmicas Tupi Norte-Oriental documentadas e área de ocorrência.



Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Os acabamentos plásticos são diversificados, tais como corrugado, unglado, serrungulado, escovado, inciso, ponteados, roletado ou digitados, muitas vezes utilizados combinados entre si. Chamo atenção para a composição de incisões formando linhas retas, curvilíneas e pontos, aplicadas em algumas vasilhas, que em muito se assemelham às pinturas de linhas finas e pontos dos Guarani e Tupinambá. Os acabamentos de superfície foram aplicados preponderantemente na parte superior, acima de inflexão ou carenas.

Os tipos de borda presente são normalmente sem reforço, com inclinações externas e internas ou contraídas. Chamam atenção bordas vazadas (ALMEIDA, 2008), cambadas e extrovertidas, com ponto angular acentuado no interior da vasilha. Apesar da maior parte das espessuras das bordas serem as mesmas do corpo, algumas apresentam expansão por aplicação de roletes na parte externa da borda, configurando reforços. Algumas bordas tendem a infletir a ponto de serem planas, assemelhando-se a flanges encontrados nas cerâmicas de borda-incisa e inciso-modelado. Como lábios, preponderam os arredondados e planos, mas também ocorrem apontados e biselados, chamando a atenção lábios serrilhados e ponteados em alguns fragmentos.

Predominam vasilhas globulares de base convexa e bordas restringidas introvertidas ou extrovertidas, com ou sem pescoço, assim como globulares abertas do tipo torrador, calota ou meia calota, podendo ter borda com ponto angular interno. Vasilhas com corpo carenado também são comuns e apresentam bases tendendo a cônicas, e bordas introvertidas ou extrovertidas, sendo comum a presença de uma linha incisa na parte superior, próxima à carena; ou, ainda, vasilhas apresentando contorno complexo devido a corpo globular ou cambado, pescoço e bordas extrovertidas ou mesmo ombro escalonado (GARCIA, 2012, p. 156). A maioria dos vasilhames apresenta medidas de menos de 20 litros de capacidade, e apenas algumas vasilhas identificadas superam este valor.

O contorno de abertura sempre é circular; algumas poucas vasilhas apresentam aberturas ligeiramente elípticas ou oblongas e nenhuma é identificada como quadrangular. Como bases, preponderam as convexas e planas, mas também foram identificadas bases cônicas com diferentes inclinações.

Para ajudar a clarear esses dados, peço atenção para alguns dos elementos considerados emblemáticos: vasilhas carenadas; bordas reforçadas e lábios serrilhados; bordas cambadas, contraídas e extrovertidas com ponto angular bem marcado; bases planas; maior ocorrência de policromia e acabamentos plásticos; inciso formando composição semelhante a pintura; pintura com linhas grossas vermelhas; e preenchimento com preto formando triângulos e retângulos.

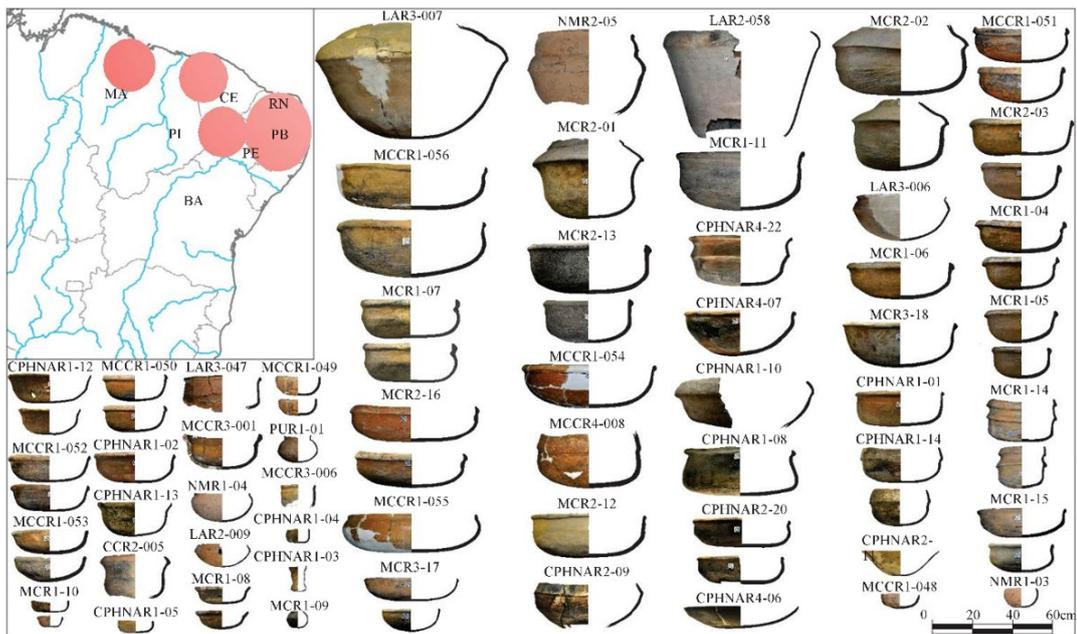
Esses elementos são relevantes por parecerem transitórios entre conjuntos associados aos falantes de línguas não Tupi-Guarani e aqueles falantes de Guarani e Tupinambá. Muitos destes elementos não estão presentes na região de Rondônia, ocorrendo apenas no leste amazônico e nas regiões ocupadas pelos Guarani e Tupinambá. Portanto, devem ser considerados ao observarmos os demais conjuntos, pois terão papel de destaque para conclusões.

**Conjunto 3 – Proto-Tupinambá e Tupinambá (de leste dos Rios Gurupi e Tocantins à Região Nordeste a norte do estado da Bahia)**

Considero necessária a separação de um conjunto denominado Proto-Tupinambá e Tupinambá por existirem diferenças de uma parcela das cerâmicas Tupi no Nordeste brasileiro em relação àquelas da Região Sudeste ou mesmo da Bahia. Optei por utilizar os dois nomes, aplicados à região aqui delimitada, visando frisar as diferenças perceptíveis e a possível relação entre os produtores de um conjunto que apresenta elementos amazônicos e Tupinambá, e outro com cerâmicas marcadamente associadas aos Tupinambá.

Como mencionado acima, nos conjuntos de cerâmicas arqueológicas para esta região dispomos de vasilhame tipicamente Tupinambá e outro conjunto que apresenta semelhanças com as cerâmicas Tupinambá, mas também semelhantes em alguns elementos com as cerâmicas do sudeste amazônico, ou seja, Tupi Norte-Oriental – este segundo conjunto denomino Proto-Tupinambá (Figura 4), assim indicando uma provável relação com os antepassados dos Tupinambá. Estes antepassados, ao se expandirem a partir do sudeste amazônico, levaram para o Nordeste um conjunto de cerâmicas que, aos poucos, se modificou, transformando-se no que conhecemos como as cerâmicas Tupinambá.

**Figura 4.** Algumas cerâmicas Proto-Tupinambá e Tupinambá documentadas e área de ocorrência.



Fonte: Imagem elaborada pelo autor

Estas cerâmicas Proto-Tupinambá foram registradas nos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Apresentam preponderância de vasilhas pequenas a médias (menos de 20 litros), com corpo globular de base convexa ou cônica. As bordas são diretas, contraídas, introvertidas ou extrovertidas, incluído ângulo interno bem marcado, mas também foram identificadas bordas com reforço externo e serrilhadas. Estes reforços externos dão um perfil à borda semelhante ao que vemos no sudeste amazônico, onde a porção mais próxima ao lábio é a parede mais espessa e este último tende a ser plano, sendo raros os reforços na parte mais inferior das bordas, configurando as bordas triangulares das cerâmicas Tupinambá. Os contornos de abertura são circulares e, em alguns casos, elípticos, mas também são encontradas vasilhas com carenas e linha incisa sobre o ombro, já marcando dois escalonamentos, e até mesmo flanges mesiais.

Os acabamentos de superfície são preponderantemente lisos, de forma que só uma pequena porcentagem (menos de 10%) do total de peças apresentam outras formas de acabamentos plásticos ou cromáticos. Corrugado, escovado, unglado e inciso são os mais comuns, mas também foram identificados estocados, roletados, polimentos e serrungulados. A presença de engobo branco e vermelho ocorre tanto na superfície interna quanto externa, sendo mais recorrente o engobo branco. A pintura policroma foi aplicada em superfícies com ou sem engobo. Em relação à pintura, esta é preponderantemente formada por linhas grossas vermelhas e pretas, compondo “modos” muito semelhantes ao que Garcia (2012, p. 128-132) definiu para o interflúvio Xingu-Tocantins. Temos preenchimentos de espaços vazios com tinta preta, formando triângulos ou retângulos, semelhantes aos identificados por Almeida (2008) no sudeste amazônico. Além deste tipo de pintura mais recorrente, também ocorrem, em menor proporção, linhas finas como as da pintura Tupinambá, mas sendo raros os pontos pretos, tão comuns nesta última.

Com relação à linha de tempo, necessariamente uma parte deste conjunto deveria ser formado por cerâmicas mais antigas do que qualquer outra Tupinambá, mas não todo o conjunto, pois, aparentemente, fenômenos de deriva em separado possibilitam a coexistência por longo período, como parecem atestar as datações para a região.

Para ajudar a clarear esses dados, peço atenção para alguns dos elementos considerados emblemáticos: vasilhas carenadas; ombros escalonados; contorno de abertura elíptico e oblongo; lábio serrilhado; bordas com reforço bem marcado; bordas extrovertidas com ponto angular interno; maior ocorrência de policromia e acabamentos plásticos; pintura com linhas grossas e finas; e preenchimento preto.

Em muitas áreas da Região Nordeste, o conjunto Proto-Tupinambá ocorre associado às cerâmicas Tupinambá, normalmente em sítios diferentes. Contudo, essa divisão é artificial e nem sempre corresponde totalmente ao fenômeno descrito. Assim, ao pensar que os povos Tupinambá advêm de mudanças graduais e multilíneas nos povos Proto-Tupinambá, é certo que os conjuntos cerâmicos também se transformaram gradualmente, levando assim à formação de sítios arqueológicos com elementos de ambos os conjuntos aqui definidos. As cerâmicas já analisadas confirmam isso, já que foi possível verificar vasilhas vindas de um mesmo sítio com a presença de elementos emblemáticos tanto amazônicos (trazidos pelos Proto-Tupinambá), quanto Tupinambá, da mesma forma que vasilhas que reúnem em sua estrutura elementos de ambos os conjuntos.

Como as características do conjunto Tupinambá desta região não se diferenciam muito daqueles presentes na próxima região que descreverei, faço as descrições a seguir.

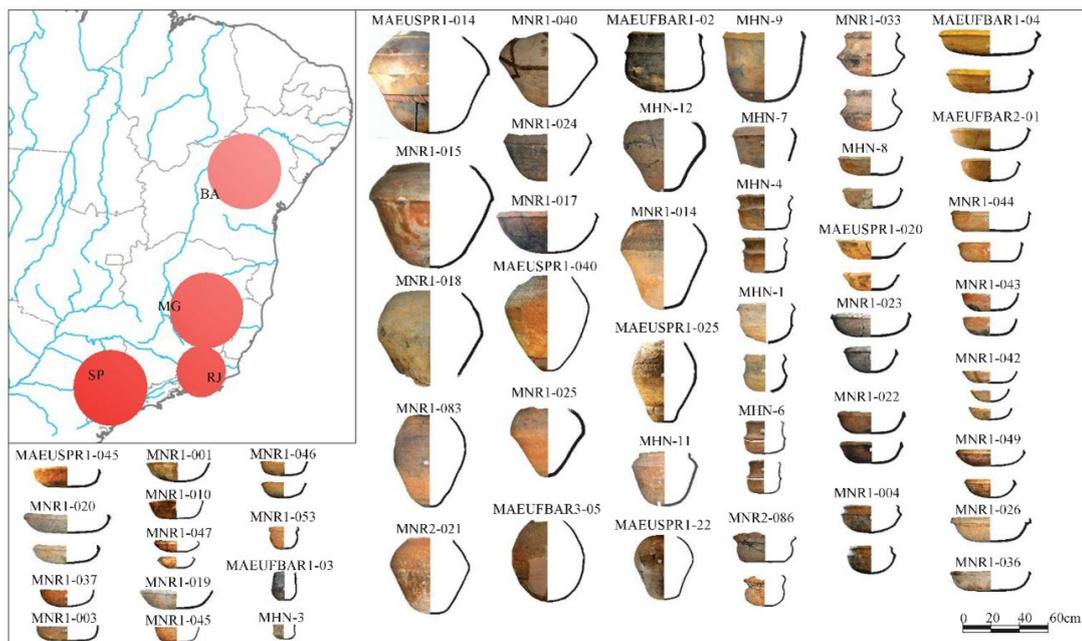
### Conjunto 4 – Tupinambá (Região Nordeste até o Paraná, incluindo o interior, até Mato Grosso)

O conjunto de formas e acabamentos de superfície associados por Brochado aos grupos Tupinambá permite clareza na classificação dos sítios presentes na ampla região ocupadas por essas populações. Sua ocorrência se faz em conjunto com as cerâmicas Proto-Tupinambá do estado de Pernambuco para norte, sendo que, do norte do estado da Bahia até São Paulo, e do litoral penetrando por Minas Gerais, Goiás até o Mato Grosso, só foram identificadas cerâmicas tipicamente Tupinambá. Mesmo que ainda não seja possível evidenciar diferenças nos conjuntos cerâmicos Tupinambá-Tupiniquim devido à falta de pesquisas comparativas e sistemáticas, devo mencionar que estudos recentes têm permitido não apenas apresentar suas diferenças, mas também explicar os motivos que levaram à produção de conjuntos morfológicos diferenciados (NOELLI; SALLUM, 2021; SALLUM; NOELLI; 2020).

Para alguns, descrever o conjunto Tupinambá pode parecer desnecessário, tanto quanto difícil, pelo fato de ser um conjunto já bem conhecido e, por isso mesmo, detalhado a ponto de não ser possível resumir de forma sintética todas as suas peculiaridades. Contudo, como não busco pelas peculiaridades e, sim, por elementos que o caracterizem, farei breve descrição das cerâmicas associadas a estes grupos, visando cumprir a apresentação como tem sido feito para os demais conjuntos.

Dentre todos os conjuntos cerâmicos relacionados aos povos do tronco Tupi, pode-se dizer que as cerâmicas Tupinambá são aquelas que apresentam as morfologias mais peculiares, apesar de guardarem uma série de elementos em comum com os demais conjuntos (Figura 5). Três são as morfologias que apresentam grande diferença com relação aos demais conjuntos Tupi, sendo a mais relacionada a estes povos a de vasilhas abertas de contorno quadrangular, oblongo ou elípticas, com bordas reforçadas externamente e, muitas vezes, com reforço tanto externo, quanto interno. As bases tendem a ser planas, mas também ocorrem convexas; como acabamento de superfície, são pintadas com linhas pretas finas, pontos pretos e faixas vermelhas. São vasilhas associadas ao consumo coletivo de alimentos e, ainda como vasilha de serviço coletivo, pode ser enquadrado outro tipo, que se diferencia do anterior apenas por possuir abertura circular, tanto com bordas reforçadas quanto expandidas.

Figura 5. Algumas Cerâmicas Tupinambá documentadas e área de ocorrência.



Fonte: Imagem elaborada pelo autor

Um segundo tipo de vasilha bem característico são vasilhas denominadas “duplamente cambadas”, que apresentam normalmente abertura elíptica ou oblonga. As bases também tendem a serem planas, mas são comuns também as bases convexas. O unglado na metade superior externa é o acabamento mais recorrente, ocorrendo ainda variações que lembram este, tais como ponteados em meia-lua, estocados ou mesmo incisos. Aparentemente, seriam empregadas no preparo de alimentos e bebidas. Outro tipo de vasilha de preparo Tupinambá é relativamente semelhante às *yapepó* Guarani (BROCHADO; MONTICELLI, 1994; BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN *et al.*, 1990), diferenciando-se por seus perfis cônicos mais alongados e pela borda reta introvertida, sem as extroversões típicas dos Guarani. Os acabamentos de superfície variam entre corrugado, escovado, espatulado e liso.

Apesar de se associar ao conjunto Tupinambá uma preponderância de vasilhas abertas, temos que ressaltar que grandes *camuci* de ombros escalonados também são encontrados da Região Sudeste até a área central do estado da Bahia, com raros registros a norte de Pernambuco. As principais diferenças em relação a esta vasilha e a dos Guarani é novamente a ausência de borda extrovertida e presença de base convexa ou tendendo a plana nos Tupinambá. Mantém-se o acabamento pintado sobre engobo acima da linha da carena, principalmente com motivos geométricos e linhas mais grossas do que normalmente vemos no interior das vasilhas de servir. Outra morfologia recorrente são vasilhas cônicas de base também cônica ou convexa, com bordas contraídas e acabamento liso, que poderiam ser enquadradas como *ñaetá* (BROCHADO; MONTICELLI, 1994; BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990).

As vasilhas de servir bebidas alcoólicas entre os Guarani, denominadas de *cambuchi caguabã* (BROCHADO; MONTICELLI, 1994; BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990;), também estão representadas entre os Tupinambá, para os quais novamente a borda é diferente, pois são reforçadas externamente, formando feição triangular. Mas, igualmente à Guarani, apresenta pintura interna sobre engobo e as bases normalmente convexas, tendo já sido documentadas bases em pedestal e abertura elíptica. Mesmo raramente sendo identificados nos sítios arqueológicos, sabemos que pequenos torradores (em torno de 20 cm) são comuns, apresentam lábios serrilhados, acabamento externo normalmente corrugado ou liso, com estrutura circular e praticamente planos, tendo apenas uma inflexão próxima à borda que se eleva.

Para ajudar a clarear esses dados, peço atenção para alguns dos elementos considerados emblemáticos: poucas bordas carenadas; poucos ombros escalonados; contorno de abertura elíptico, oblongo e quadrangular; lábio serrilhado; bordas com reforço bem marcado, inclusive com reforço interno e externo na mesma vasilha; ausência de bordas extrovertidas com ponto angular interno; maior ocorrência de policromia e acabamentos plásticos; e pintura na superfície interna com linhas curvas e retas finas, pontos pequenos e, raramente, preenchimento de pequenas áreas em preto, e, na superfície externa, linhas mais grossas e tendência para linhas retas geométricas.

#### ***Conjunto 5 – Guarani (do sul da Bolívia e do Mato Grosso até a foz do rio da Prata, do litoral até a bacia do rio Paraguai)***

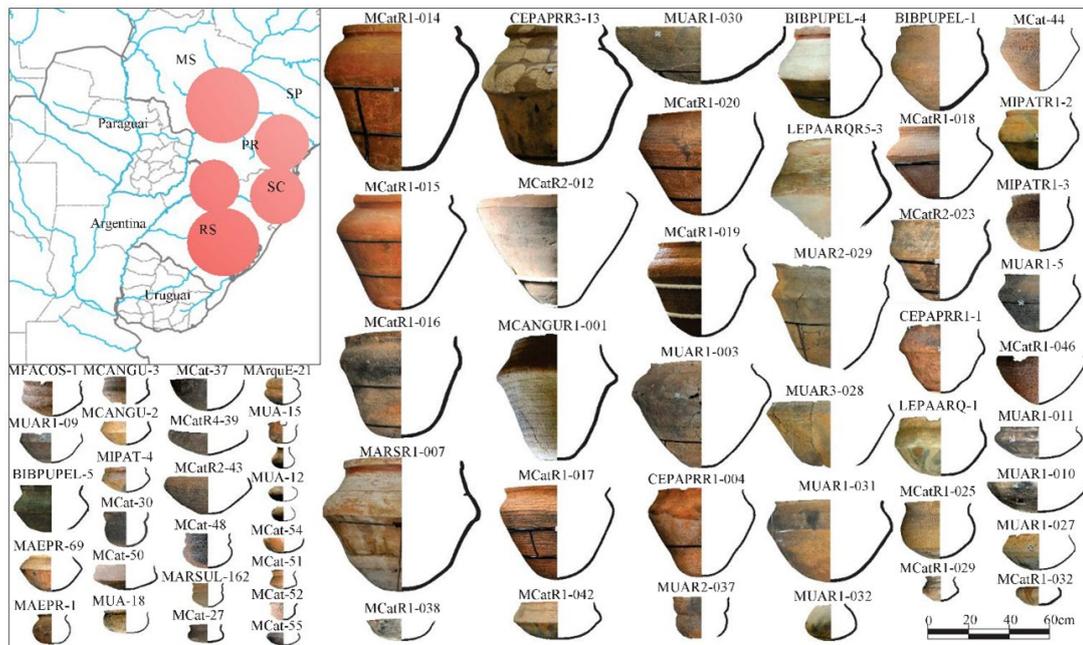
As pesquisas sobre os povos Guarani são de tal monta que geram distorções em modelamentos que busquem comparações entre as diferentes regiões com informações sobre os povos do tronco Tupi. Da mesma forma para o conjunto Tupinambá, a descrição do conjunto Guarani já foi realizada muito mais detalhadamente por Brochado (1984); além disso, os estudos sobre tecnologia, morfologia, função e nomenclaturaêmica

(BROCHADO; MONTICELLI, 1994; BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990; LA SALVIA; BROCHADO, 1989; NOELLI, 1993) vão muito além do que aqui pretendo. Meu objetivo é elencar os elementos mais marcantes e que caracterizam este conjunto frente aos demais. Por este motivo, resumo os seis tipos apresentados por Brochado e Monticelli (1994), fazendo os acréscimos necessários.

Se o conjunto Tupinambá é o que apresenta as morfologias mais peculiares e pouco comuns aos demais conjuntos, o conjunto Guarani é exatamente o oposto, já que apresenta diversos elementos comuns tanto às cerâmicas etnográficas quanto às arqueológicas dos demais quatro conjuntos aqui descritos (Figura 6).

Associada à produção dos alimentos, temos a vasilha *yapepó* (BROCHADO; MONTICELLI, 1994), apresentando bases normalmente cônicas, com algumas convexas, o corpo normalmente cônico, ombro na maioria das vezes formados por inflexão e em alguns casos por ângulo de carena; as bordas mais comuns são extrovertidas, mas também ocorrem verticais; como acabamento de superfície, temos lisos, corrugados, ungulados, escovados, espatulado, mas nunca com pintura. Esta vasilha apresenta uma grande homogeneidade morfológica dentro do conjunto.

**Figura 6.** Algumas cerâmicas Guarani documentadas e área de ocorrência



Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Outra vasilha associada à atividade de produção de alimentos é a *ñæta* (BROCHADO; MONTICELLI, 1994), de forma troncocônica ou tendendo a globulares; as bordas normalmente diretas contínuas com a parede, verticais, inclinadas para fora, mas também sendo comum bordas contraídas; e as bases normalmente seguem o formato cônico do corpo. Recebem como acabamento de superfície o alisamento, corrugado, escovado, e nunca são pintadas. Esta é uma morfologia extremamente difundida tanto na região Guarani como na Tupi Norte-Oriental. Entre os Tupinambá, possui modificações que incluem, em alguns casos, bases convexas, e sempre apresentam bordas contraídas.

Vasilha rasa e utilizada como torrador, denominada *ñamôpyu* (BROCHADO; MONTICELLI, 1994), apresenta morfologia de um prato raso com borda direta contínua à parede levemente introvertida, com base plana ou levemente arredondada. Esta parece

ser uma morfologia difundida entre todos os conjuntos aqui estabelecidos. Tanto para o conjunto Guarani, quanto para o Tupinambá, suas dimensões inferiores a 30 cm dificilmente garantiriam a torração de farinha em grande quantidade, sugerindo mesmo seu uso apenas no preparo de beiju.

Os *cambuchí* (BROCHADO; MONTICELLI, 1994) são as grandes vasilhas utilizadas para armazenar e terminar o processo de fermentação de bebidas alcoólicas. Apresentam grandes dimensões e contorno complexo, segmentado, com carena e ombro muitas vezes escalonados, dando-lhes forma duplo-cônica; as bordas tendem a ser extrovertidas, carenadas ou reforçadas externamente; e as bases, cônicas, raramente convexas ou aplanadas. Os *cambuchí* têm sua parte superior pintada sobre engobo normalmente com linhas grossas retas, formando composições geométricas. Ao analisarmos os demais conjuntos Tupi aqui avaliados, percebemos a grande semelhança entre os *cambuchí* Guarani de médio porte com vasilhas do conjunto Tupi Norte-Oriental e algumas vasilhas encontradas na região dos Proto-Tupinambá.

*Cambuchi caguabã* (BROCHADO; MONTICELLI, 1994), como seu nome sugere é uma variação de *cambuchí*, utilizado tanto para servir alimentos sólidos quanto líquidos. A forma varia desde calotas, meias-calotas a carenadas, tendo bases cônicas e arredondadas; as bordas encontradas são contínuas à parede, extrovertidas, introvertidas, carenadas. O acabamento de superfície pode ser liso, com engobo ou banho e com pintura sobre engobo.

Por fim, vasilhas denominadas *ñaembé* (BROCHADO; MONTICELLI, 1994) eram utilizadas para servir alimentos aparentemente de forma coletiva, relacionadas a vasilhas abertas com carena e ombro vertical; as bordas são convexas, diretas em relação à parede, tendo inclinações verticais ou extrovertidas; as bases tendem a ser cônicas, mas também foram produzidas com bases convexas. O acabamento de superfície pode ser liso, com engobo e pintado, havendo ainda linha incisa que diferencia duas seções do ombro.

De modo geral, a cerâmica Guarani é a que apresenta a maior variedade e frequência de acabamentos plásticos; os contornos de abertura são sempre circulares, apenas muito raramente temos aberturas elípticas. Contornos complexos com marcada presença de carenas e acinturamento são característicos, o que levou La Salvia e Brochado (1989) a apresentarem um modelo de estruturação das vasilhas a partir de seções combinadas.

Para ajudar a clarear esses dados, peço atenção para alguns dos elementos considerados emblemáticos: recorrência de bordas carenadas; recorrência de ombros escalonados; contorno de abertura raramente elíptico e nunca quadrangular; lábios serrilhados são raros; bordas com reforço são raras, ocorrendo bordas carenadas, e, quando há reforço, este é externo e em vasilhas grandes; bordas extrovertidas com ponto angular interno, menos angular e mais como ponto de inflexão; e maior ocorrência de policromia e de tipos de acabamentos plásticos.

Ressalto a atenção que deve ser dada à comparação entre o conjunto Guarani e o Tupi Norte-Oriental, pois parece haver uma continuidade mais acentuada entre estes do que entre ambos em relação ao Tupinambá.

## MODELOS DE EXPANSÃO A PARTIR DOS DADOS COLIGIDOS

Tendo por base os modelos mencionados e os dados empíricos coletados ao longo da pesquisa, apresento, a partir deste ponto, minhas contribuições aos modelos. Ressalto que os processos históricos descritos são fruto das análises aqui empreendidas, portanto, reflexo de minha interpretação dos dados e elaborados com a concepção de Ciência como conhecimento cumulativo, destarte, assumindo o caráter provisório das hipóteses/teses e desejando as contribuições dos colegas para ampliar o conhecimento aqui buscado.

Seja a partir da ascendência de populações caçadoras-coletoras (MILLER, 2009) ou de outros ceramistas (CORRÊA-DA-SILVA, 2010; RODRIGUES, 2000; RODRIGUES; HAUPTMANN; HARTMANN, 1964), o centro de origem das populações Tupi parece ter sido a região entre os Rios Guaporé-Madeira e Tocantins (MEGGERS *et al.*, 1988; RODRIGUES, 2000; RODRIGUES; HAUPTMANN; HARTMANN, 1964). As populações Proto-Tupi teriam se expandido, ocupando uma vasta área e dando início a um modo de vida que, como evidenciado pela paleontologia linguística (CORRÊA-DA-SILVA, 2010), já demonstra indícios do uso intensivo de plantas cultivadas e de artefatos para sua produção, beneficiamento e consumo. A reconstrução de fonemas para uma lista de vegetais comestíveis e cultivados, bem como para panela de barro, machado e ações como ralar e pilar indicam que o modo de vida reconhecido como típico de populações Tupi já estaria presente nestes povos de línguas Proto-Tupi (CORRÊA-DA-SILVA, 2010; NOELLI, 1993, 2008; RODRIGUES, 1988).

As pesquisas arqueológicas nesta região têm indicado a presença de sítios arqueológicos com vasilhames cerâmicos com datações entre 5.000 e 4.000 AP. Estas cerâmicas já apresentam algumas características típicas das cerâmicas dos Tupi, tais como morfologia cônica com bordas diretas extrovertidas, acabamento corrugados, unglados e pintura policroma. Contudo, estas características parecem mais ligadas aos Tupi e não àqueles pertencentes à família Tupi-Guarani, já que as cerâmicas associadas a esta família apresentam morfologias mais complexas, com estrutura formada por pontos de inflexão e ângulos, padrões de pintura mais típicos e bordas com reforços, expansões, cambagens, entre outros. É como se, regionalmente, tivéssemos a preponderância de cerâmicas de falantes de outras línguas das nove famílias Tupi, diferentes da família Tupi-Guarani.

Após a fixação deste modo de vida com característica Tupi, teriam se iniciado movimentos de longa distância, levando contingentes populacionais para fora desta região. Provavelmente, a tendência a se estender para todas as direções foi limitada àquelas favorecidas por menor pressão de outros povos. Consequentemente, deve ter levado ao isolamento de grupos que se separaram muito e, dependendo das capacidades e adversidades de se desenvolverem em novas regiões, foram eliminados ou retornaram à região de origem. Apesar de algumas parcelas terem saído do centro de origem, este se manteve como região tradicionalmente ocupada pelas demais parcelas que não saíram e, eventualmente, por populações que realizaram movimentação de retorno.

Assim, alguns conjuntos de aldeias que se separaram do centro de origem e foram bem-sucedidos teriam colonizado outras regiões, levando ao estabelecimento de nova domesticação do ambiente, crescimento populacional e desenvolvimento de novas práticas, diferenciando-se gradativamente daquelas praticadas no centro de origem.

Os dados disponíveis até o momento sugerem que um desses conjuntos de aldeias bem-sucedidas em seu distanciamento do centro de origem teria se instalado entre os Rios Tapajós e Tocantins, distante da calha do Amazonas. Considerando os modelos linguísticos (CORRÊA-DA-SILVA, 2010; MELLO; KNEIP 2005; RODRIGUES, 2000), esta poderia ser uma população formada pelos antepassados dos Aweti e Tupi-Guarani, falantes de uma língua Proto-Aweti-Tupi-Guarani, que recebeu influência da língua Karib, resultado de contato prolongado entre eles. Para esta região, a presença de populações Karib (HECKENBERGER, 1996) é representada pelas cerâmicas inciso-ponteadas ou inciso-modeladas, encontradas no interflúvio Xingu-Tocantins, associadas a conjuntos cerâmicos Tupi (GARCIA, 2012; 2017; ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2012). O fato é que ainda não ficaram definidos com precisão quais são os conjuntos Arawak e Karib na região (GARCIA, 2012; HECKENBERGER, 1996). Contudo, a perspectiva indicada pelos linguistas para o contato entre os Tupi e os Karib induz a considerar estas cerâmicas como associadas aos últimos.

Mais importante agora seria pensar que, se houve uma influência na língua Proto-Aweti-Tupi-Guarani, também poderia ter havido influência em outras instâncias da cultura, como as cerâmicas. A cerâmica inciso-modelado apresenta morfologia preponderantemente aberta, com contornos simples, tendendo a globulares, marcadas pela presença de ombros e carenas, algumas bordas com expansão, reforço interno ou externo, preponderando as diretas, extrovertidas, com ângulo interno acentuado, com os lábios em forma de flanges com linhas incisas, formando diversas composições de ponteados isolados, ou preenchendo os espaços entre as linhas incisas e os apliques de diversas formas, inclusive zoomórficos.

Nas cerâmicas da região Tupi Norte-Occidental, a oeste do Rio Tapajós, não são comuns os elementos que acabo de descrever para as cerâmicas inciso-modelado. O mesmo não pode ser dito para as cerâmicas aqui consideradas dos Tupi Norte-Oriental, que aparentemente adotaram, além dos fonemas Karib, elementos dos vasilhames cerâmicos. É possível que a presença de bordas reforçadas e expandidas nas cerâmicas Tupi desta região sejam oriundas desta influência e, ainda mais marcante, é a borda extrovertida com ângulo interno bem-marcado, muito presente nas cerâmicas Tupi desta região. Tais elementos ocorrem até o norte da Região Nordeste e, com menor evidência, para o conjunto Guarani. As carenas são mais comuns nas cerâmicas Tupi nesta região, assim como a presença de linhas incisas e os pontos em composições geométricas, que lembram as pinturas Tupinambá. Os modelados zoomórficos foram adotados em menor proporção, mas não deixam de estar presentes nas cerâmicas Tupi de diversas regiões do país (CHMYZ, 2010; PANACHUK; CARVALHO, 2010). O sentido de influência contrária também parece ter ocorrido, já que alguns elementos das cerâmicas Tupi, como os acabamentos de superfície, também aparecem nas cerâmicas borda-incisa neste interflúvio (GARCIA, 2012; ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2012).

A partir dessa consideração sobre as possíveis influências externas, muito além da língua, entendo que as diferenças entre as cerâmicas Tupi desta região, quando comparadas às do centro de origem, vão além das que poderiam ter sido adquiridas de outros povos. Consequentemente, as inovações percebidas aparentemente são em sua maioria fruto dos próprios processos de transformação a que os conjuntos artefatuais estiveram submetidos, ou seja, as inovações neste conjunto devem ser entendidas como oriundas de mudanças internas dos próprios povos Tupi. Os falantes da língua Proto-Aweti-Tupi-Guarani instalados nesta região teriam se modificado gradativamente em relação aos demais Tupi. Por fim, teria havido a separação dos Aweti e Tupi-Guarani, que, em separado, também se modificaram, diferenciando-se apesar de ainda terem permanecido nesta mesma região. Para os linguistas, esta separação teria ocorrido por volta de 2500 AP (CORRÊA-DA-SILVA, 2010; RODRIGUES, 2000). Talvez não dissociado disso, pode-se afirmar que só existem cerâmicas arqueológicas com as típicas características da “Tradição Tupiguarani”, ou Guarani, Tupinambá e Tupi Norte-Oriental com datas posteriores a 3.000 AP.

Portanto, entendo a região entre os Rios Tapajós e Tocantins como o local da gradual separação e deriva entre os povos Proto-Mawé-Aweti-Tupi-Guarani, enquanto o interflúvio Xingu-Tocantins pode ser considerado como um centro regional de grupos da família Tupi-Guarani, que posteriormente deram origem aos grupos historicamente conhecidos. Entendo esta região como sendo de onde os falantes de Tupi-Guarani se expandiram gradualmente, formando os conjuntos artefatuais atribuídos a eles.

Ao passo que muitos grupos Tupi-Guarani permaneceram na região Tapajós-Tocantins em sua dinâmica de continuidade e mudança, outros grupos estenderam seus territórios gradativamente, por movimentos de longa distância, levando consigo os elementos materiais desenvolvidos nesta região. Dois destes grupos poderiam ser indubitavelmente denominados Proto-Tupinambá e Proto-Guarani. A origem em comum nesse centro regional garante explicação para as semelhanças entre os conjuntos Tupinambá e Guarani, proposta por

Brochado (1984), permitindo entender tanto as semelhanças entre os dois conjuntos quanto suas diferenciações em relação aos demais conjuntos Tupi não Tupi-Guarani.

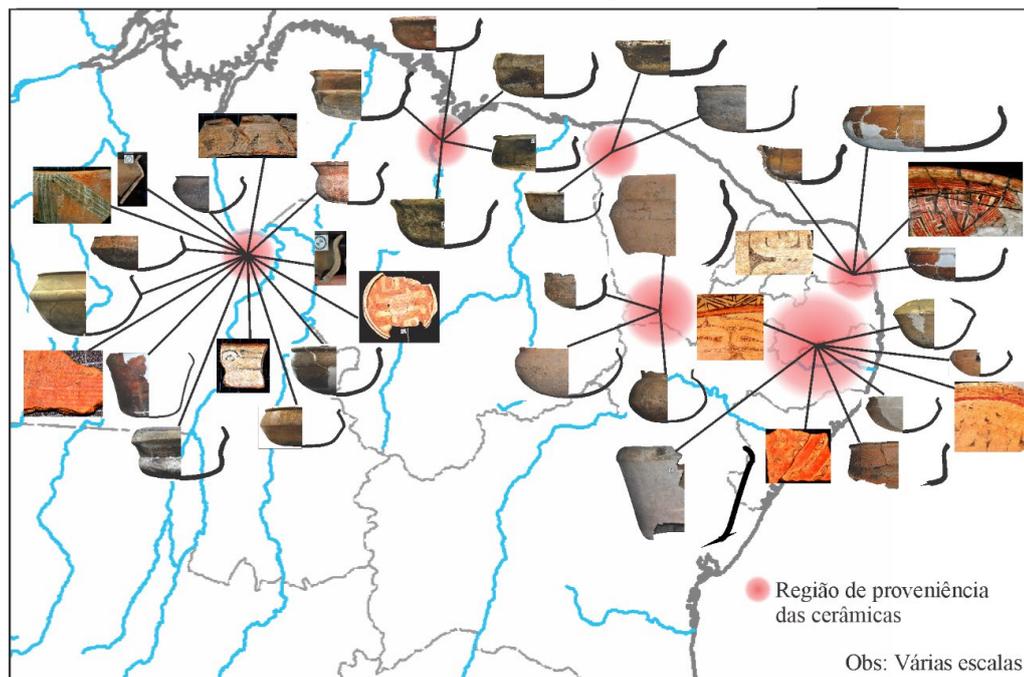
Pelo modelo sobre o qual refletimos nesta pesquisa, o início da expansão dos Proto-Tupinambá e Proto-Guarani provavelmente se deu a partir da região entre os Rios Tapajós e Tocantins. No caso do Proto-Tupinambá, a expansão parece ter seguido a prevista por Brochado (1984); já no caso Guarani, não foram encontrados sítios com cerâmicas parecidas com as Guarani para o oeste amazônico, como sugerido por Brochado. Parece cada vez mais difícil pensar na expansão Guarani pelo oeste amazônico, o que nos faz voltar os olhos para os vestígios encontrados do norte até o sul do estado de Goiás (PONTIM, 2004, 2011), já que são vestígios semelhantes aos do conjunto Tupi Norte-Oriental e ao conjunto Guarani (Figura 8).

A região aqui denominada como Proto-Tupinambá e Tupinambá coincide com a maior parte da Região Nordeste. O reduzido número de sítios no estado do Piauí sugere que as populações Proto-Tupinambá teriam se movimentado da bacia do Tocantins para o nordeste brasileiro, utilizando movimentos de longa distância combinados com uma frequência de maior movimentação. Além disso, com base nas vasilhas inteiras analisadas, é possível considerar que o conjunto cerâmico destes sítios apresentaria elementos inicialmente mais semelhantes ao do centro regional do Xingu-Tocantins do que com o conjunto já tipicamente Tupinambá.

Aparentemente, os movimentos de longa distância dos Proto-Tupinambá não ocorrem pelo litoral maranhense, mas a sul do paralelo 3°, por terem sido encontrados sítios com cerâmicas que remetem ao centro regional do Xingu-Tocantins nesta latitude no estado do Maranhão. Os sítios próximos ao litoral são tipicamente Tupinambá e provavelmente oriundos de uma movimentação de retorno posterior, como já apontado pelos dados etno-históricos.

A região formada pelo sul do Ceará, centro e sul do Rio Grande do Norte, Paraíba e norte do estado de Pernambuco reúne muitos sítios que combinam elementos do conjunto Tupi Norte-Oriental com elementos Tupinambá, portanto, Proto-Tupinambá (Figura 7).

**Figura 7.** Semelhanças entre cerâmicas no eixo oeste-leste demonstrando fluxo de pessoas do leste amazônico para a Região Nordeste.



Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

O mais relevante nos conjuntos desta região são os elementos emblemáticos do conjunto Tupi Norte-Oriental e Tupinambá, que ocorrem em concomitância, sendo que em alguns sítios preponderam os elementos mais amazônicos e, em outros, os elementos Tupinambá. Essa concomitância ocorre, inclusive, nas mesmas vasilhas. Por exemplo, vasilhas com morfologia típica Tupinambá apresentam pintura com preenchimentos triangulares e retangulares, típicas da região Tupi Norte-Oriental, ou, ainda, vasilhas abertas com contorno quadrangular que apresentam bordas contraídas (Figura 7).

A presença de vasilhas que parecem uma combinação ou uma transição, misturando elementos de vasilhas típicas do conjunto Tupi Norte-Oriental com as dos Tupinambá, remetem a um contexto de mudança, de transformação. Mais do que considerar que se trate de um fenômeno de convívio e troca entre dois povos diferentes, considero essa concomitância de elementos como índice da transformação dos conjuntos cerâmicos Proto-Tupinambá no conjunto que ficou conhecido como Tupinambá.

Os povos vindos do leste amazônico e instalados no sertão nordestino trouxeram os elementos típicos daquela região, que, no percurso sofreram modificações, mas alguns persistiram (Figura 7). Longe das influências do núcleo regional de origem, os processos de deriva ocorreram e, como consequência, formaram-se algumas línguas, dentre elas, o Tupinambá, portadores do conjunto cerâmico atribuído a eles.

Tudo indica que os povos que chegaram ao sertão nordestino já carregavam algumas vasilhas com morfologias semelhantes às Tupinambá, mas ainda com elementos amazônicos e sem as típicas composições estruturais da cerâmica Tupinambá. No entanto, a cisão que teria dado origem ao grupo do qual derivou o Tupinambá como o conhecemos parece ter ocorrido no sertão, onde estão os sítios com mais características semelhantes ao leste amazônico, enquanto no litoral os sítios apresentam mais características típicas do conjunto Tupinambá.

Aparentemente, os grupos Proto-Tupinambá que ocuparam esta região estavam muito bem estruturados e com o ambiente domesticado o suficiente para dominarem a região por muito tempo. Mesmo após a cisão da qual teriam derivado os Tupinambá, estes grupos ainda permaneceram dominando o sertão, já que seu conjunto cerâmico continuou se desenvolvendo em paralelo ao dos Tupinambá na Região Nordeste e, por consequência, existem datações concomitantes para os sítios com ambos os conjuntos de características.

Da Região Nordeste, os Tupinambá, já com as suas características, teriam realizado uma série de movimentos de longa distância para se estabelecerem no litoral nordestino e no sertão, em áreas de serra ou onde a “mata branca” era mais alta. Para o sul, os movimentos de longa distância parecem iniciar nas proximidades da calha do Rio São Francisco, depois pelo interior e até o litoral.

Os sítios do interior da Bahia contam com um conjunto Tupinambá que já apresenta as características mais típicas descritas por Brochado (1984), cujas morfologias, os acabamentos de superfície e a relação entre eles é uma constante nos sítios Tupinambá da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Exemplos são as vasilhas duplamente cambadas e os grandes *camuci* de ombro escalonado. Ao norte da Bahia são raras as vasilhas profundas de grande volume, principalmente no sertão. Porém, ao sul, são comuns as grandes *nhaempepó* e os *camuci* com corpo cônico e bases arredondadas.

Devido à presença de elementos emblemáticos típicos das Regiões Nordeste e Sudeste, os sítios com cerâmicas Tupinambá nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul parecem ser mais recentes. A ocupação Guarani no Paraná e sudoeste paulista poderia ter freado a expansão para o sul, levando os Tupinambá a uma expansão

para oeste. Ou, ainda, um avanço maior para o interior após os conflitos e epidemias desencadeados com a chegada dos europeus.

As semelhanças entre os conjuntos Guarani e Tupinambá não permitem que se trace uma origem em separado pelo menos quanto à família Tupi-Guarani. Ao longo desta pesquisa, pude avaliar que o conjunto cerâmico que guarda maiores semelhanças com aquele definido como Guarani por Brochado (1984) é o que aqui denominado como Tupi Norte-Oriental, mais precisamente o da região sudeste do estado do Pará; talvez as semelhanças pareçam maiores até do que entre o conjunto Guarani e Tupinambá. Portanto, o local de origem do Proto-Guarani teria sido a mesma região mencionada como de origem para o Proto-Tupinambá, ou seja, entre os Rios Tapajós e Tocantins. Desta região, todos os modelos preveem que os Proto-Guarani teriam seguido para o sul, acompanhando os Rios Guaporé e Paraguai. Contudo, nenhum vestígio arqueológico até então encontrado em Rondônia ou oeste do Mato Grosso pode ser claramente associado aos Guarani ou seus ancestrais imediatos.

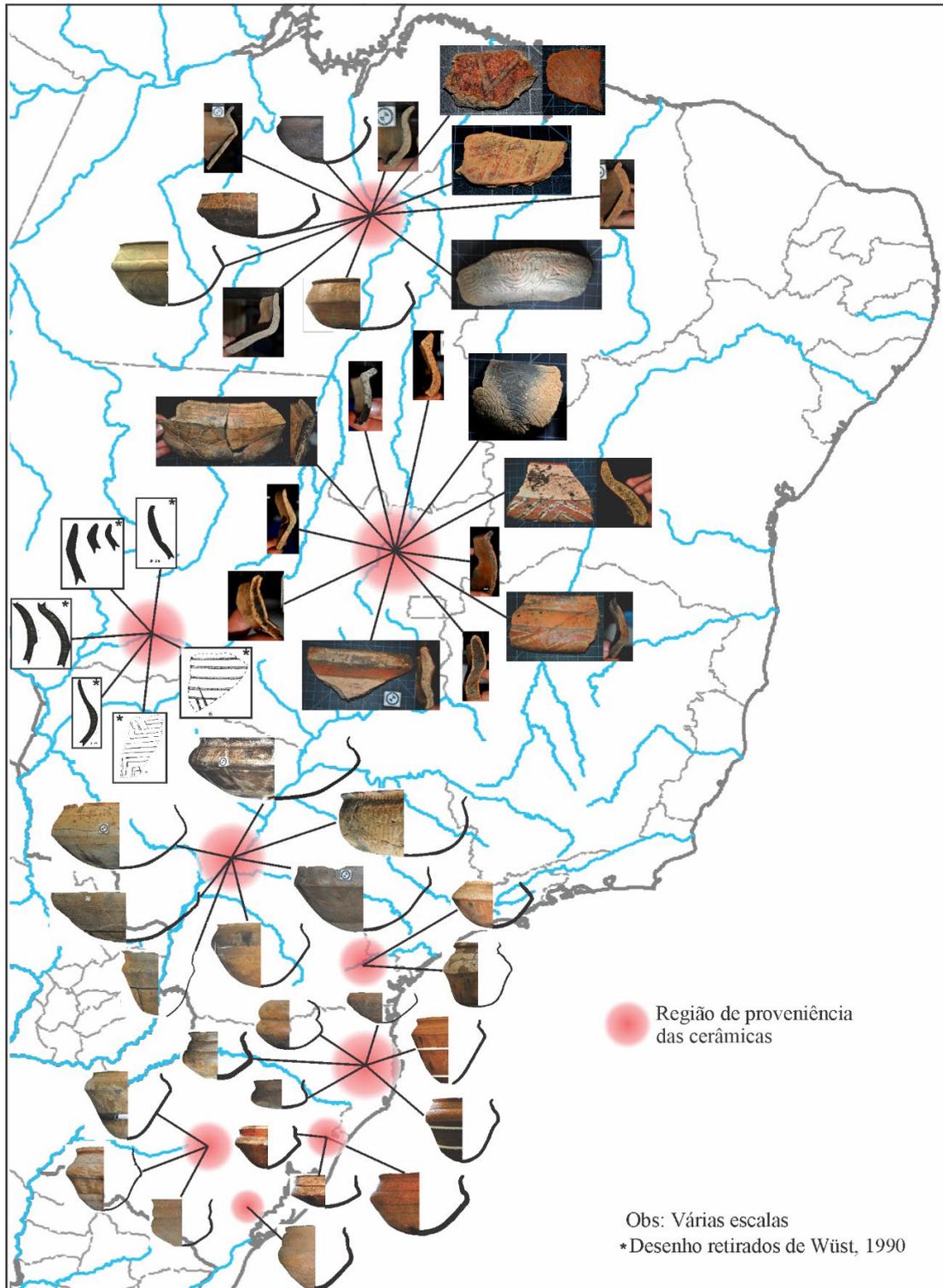
Uma outra possibilidade seria a expansão destes povos por terras bolivianas. Pärssinen (2003) aponta uma antiguidade considerável para a ocupação Guarani, contudo, não fica claro se a cerâmica encontrada por ele é realmente Guarani ou Proto-Guarani, pois a região pesquisada está inserida numa área tradicionalmente ocupada pelos Chiriguano, uma das populações mais próximas aos Guarani e que, segundo Rodrigues (2000) e Rodrigues, Hauptmann e Hartmann (1964), seriam uma derivação dos falantes do Guarani. Sabe-se pouca coisa sobre a história da ocupação Guarani em terras bolivianas e dos conjuntos cerâmicos a eles associados. Portanto, escolher a Bolívia como área de passagem parece apenas jogar o problema para o desconhecido.

Uma hipótese mais expedita a se testar seria a dos Proto-Guarani seguindo a montante dos Rios Tocantins-Araguaia até a bacia Paranaíba-Paraná e/ou São Lourenço-Paraguai. Entendo os rios aqui mencionados apenas como recurso explicativo, pois parece que nenhuma das movimentações relacionadas aos Tupi tenha se limitado aos rios, pois os interflúvios sempre parecem ter sido ocupados primeiro ou simultaneamente aos rios na medida que o ambiente como um todo era domesticado.

Sugiro esta rota pelo centro do Brasil com base essencialmente nos vestígios que foram encontrados ao longo desta faixa. De norte a sul, há um contínuo de cerâmicas com as mesmas características desde o sudeste amazônico até o norte de Goiás, onde se encontram cerâmicas que apesar de algumas diferenças, remetem às cerâmicas encontradas no entorno do município de Marabá/PA e já apresentam uma série de elementos semelhantes às Guarani. Até a altura do paralelo 15°, estas são as cerâmicas relacionadas aos Tupi mais comuns nesta região; ao sul deste ponto, têm-se sítios que podem ser atribuídos a populações Tupinambá tardias. Mesmo entre o material Tupinambá, encontram-se indícios das cerâmicas com características do sudeste amazônico até o paralelo 18°, quase na divisa de Goiás com Mato Grosso do Sul. A região de ocupação Guarani, confirmada por sítios arqueológicos, se dá a partir do paralelo 22°, portanto, há quase uma ligação com a área de ocorrência de cerâmicas com características amazônicas no sul de Goiás (Figura 8).

São poucas as informações do Alto Tocantins-Araguaia com relação às cerâmicas ligadas aos Guarani; ainda assim, são mais do que se tem para a bacia do Madeira-Guaporé ou para o território da Bolívia, situação que pode ser alterada com o desenvolvimento de pesquisas no interior da Bolívia ou no centro do estado de Mato Grosso. Até que isso aconteça, considero, para fins de modelamento, como rota dos Proto-Guarani as bacias do Tocantins-Araguaia interligadas à do Paraná-Paraguai.

**Figura 8.** Semelhanças entre cerâmicas no eixo norte-sul demonstrando fluxo de pessoas do leste amazônico para as Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul.



Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Dos altiplanos de onde nascem estas duas grandes bacias, os Guarani já com suas principais características teriam seguido para o sul, acompanhando as bacias São Lourenço-Paraguai, Parnaíba-Paraná e o interflúvio entre estas. Desta forma, fica compreensível a ocupação do estado do Mato Grosso do Sul e o Paraguai.

Sabe-se que a maior parte do estado do Paraná, incluído o sudoeste paulista, apresenta indícios de ocupação maciça por povos Guarani. A expansão para o sul parece só ter sido interrompida no oeste do estado de Santa Catarina (NOELLI, 2004), região de campos naturais para onde os Guarani teriam empurrado as populações Jê, representadas arqueologicamente pela Tradição Taquara (ROGGE, 2004). Mais ao sul, descendo a bacia do Rio Paraná e entrando na bacia do Rio Uruguai, os Guarani foram ocupando as áreas cobertas por florestas, expulsando as populações que ali viviam, como as da Tradição Umbu e Itararé-Taquara (NOELLI 1999, 2004). Na bacia do Rio Ijuí e encostas do Planalto Meridional estabeleceram ampla ocupação por longo período, assim como nas regiões litorâneas do sul do Brasil, no baixo rio Uruguai. O território do Uruguai e as regiões mais a oeste, como Santa Fé, na Argentina, foram as últimas a serem ocupadas pelos Guarani (BONOMO *et al.*, 2015).

Como região amplamente estudada do ponto de vista arqueológico e etno-histórico, as pesquisas no sul do Brasil proporcionam um conhecimento apurado sobre os vestígios arqueológicos Guarani. Além de coleções com muitos vestígios, os trabalhos de campo visando avaliar diferenças regionais entre os conjuntos e os sistemas de apropriação do meio ambiente garantem um grande avanço nos conhecimentos destas populações e de sua história.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quadro sobre centros de origens e os processos de deriva e expansão populacional aqui apresentado é entendido como transitório conforme a disponibilidade dos dados empíricos. As proposições apresentadas poderão ser enriquecidas e/ou modificadas com os demais dados existentes ainda não contemplados, bem com os resultados de novas pesquisas documentais e de campo.

A metodologia aplicada permitiu verificar a existência de derivas que resultaram em especificidades regionais interligadas por elementos emblemáticos. O mapeamento dos elementos emblemáticos auxiliou na compreensão dos processos que levaram ao surgimento dos conjuntos regionais – isto é, o processo de deriva contém um fluxo que vai do passado ao presente e ao futuro, que podem ser compreendidos pelo arqueólogo que investiga um determinado processo histórico pretérito. Um conjunto regional guarda em si tanto o passado, com os elementos herdados de conjuntos anteriores, quanto possui elementos do presente, de um período específico, que podem ser transmitidos aos conjuntos que o sucederem, perfazendo o futuro.

Um dos grandes desafios desta pesquisa foi olhar para os dados disponíveis de forma cartesiana, tentando perceber neles as informações que permitissem a construção de uma história profunda, cheia de transformações graduais e, portanto, nada fáceis de encaixar em divisões rígidas. Para as pesquisas futuras, fica o desafio de não teorizar sobre uma realidade estática, sendo essencial buscar pela dinâmica das populações e seus reflexos na cultura material. Além de caracterizar os conjuntos aqui estudados, a intenção foi avaliar como o grau de diferença e semelhança entre os conjuntos pode ser entendido como resultado de mudanças socioculturais ao longo da história destes povos.

Os resultados dessa pesquisa, como esperado, não são muito diferentes do que já se sabia anteriormente, o que é positivo, pensando em encadeamento de ideias e teorias. Como conhecimento cumulativo, os dados e interpretações foram expostos, buscando acrescentar elementos e contribuindo para o aperfeiçoamento dos modelos já construídos.

O mais difícil ao realizar uma pesquisa pensando em encadear ideias e resultados anteriores é a falta de uniformização mínima na coleta e publicação dos dados pelos pesquisadores, sendo este um dos maiores problemas em relação ao uso dos resultados

das mais diversas fontes pesquisadas. Por este motivo, o esforço aqui realizado para expor o contexto teórico e metodológico em que me inseri justifica-se como tentativa de iniciar um programa que possibilite a constituição de uma Arqueologia Tupi, visando à restituição histórica de longa duração dos povos associados ao tronco linguístico Tupi.

Quero frisar neste ponto a necessidade de um programa específico de estudo dos vestígios modernos e dos arqueológicos associados aos povos indígenas etnográficos, ao qual venho chamando de “arqueologia reversa”. Reversa no sentido de ser um conhecimento construído a partir do estudo de conjuntos mais recentes, se possível etnográficos, vinculando a conjuntos gradativamente mais antigos, ou seja, conjuntos do presente, passado imediato e passado remoto. Isto permitiria mantermos a conexão entre conjuntos muito antigos e aqueles dos povos com os quais temos contato. Uma arqueologia reversa, portanto, seria buscar entender a partir da atual situação das populações indígenas a sua história em gradual regressão temporal. Esta perspectiva de pesquisa nos permitiria não apenas entender os processos de continuidade e mudança nos conjuntos cerâmicos, como também conhecer como teriam sido no passado os conjuntos cerâmicos dos povos que conhecemos e quais as possíveis correlações com conjuntos de outros povos.

Considero que temos agora a oportunidade de cruzar o limiar de uma nova perspectiva para a Arqueologia Tupi, iniciando programas que busquem por uma arqueologia Asurini, Munduruku, Kayabi, Araweté, Juruna, Ariken, Puroborá, Cinta-Larga, Zoró, Suruí e de outros povos Tupi. Conhecer os conjuntos cerâmicos de cada um dos povos Tupi diacronicamente, por meio de uma arqueologia reversa, parece ser uma das saídas para deixarmos de tatear o passado como cegos, sem saber a quem este passado pertence (GARCIA, 2017; ROCHA, 2017; SILVA; GARCIA, 2015; SILVA; NOELLI, 2015; SILVA; BESPALÉZ; STUCHI, 2011).

O avanço que espero ter alcançado com esta pesquisa, de fato, é suscitar discussões sobre as regiões aqui estudadas, entendendo tais discussões como fundamentais para a compreensão dos processos de gênese e expansão envolvidos na história de longa duração das populações Tupi.

#### AGRADECIMENTOS

A Fabiola Silva, por suas enérgicas orientações, permitindo um novo e melhorado olhar sobre meu objeto de estudo. A Francisco Noelli, pelo incentivo e preciosas conversas. A Danielle Samia, pela insubstituível ajuda na realização de mapas e figuras. E a todas as instituições que permitiram acesso aos acervos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernando O. de. *A Tradição Policroma no Alto Rio Madeira*. 2013. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. DOI: 10.11606/T.71.2013.tde-17072013-140140.

ALMEIDA, Fernando O. de. *O Complexo Tupi da Amazônia Oriental*. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DOI: 10.11606/D.71.2008.tde-19052008-141426.

ALMEIDA, Fernando O. de; NEVES, Eduardo G. Evidências arqueológicas para a origem dos Tupi-Guarani no leste da Amazônia. *Mana*, v. 21, n. 3, p. 499-525, 2015. DOI: 10.1590/0104-93132015v21n3p499.

BASALLA, George. *The evolution of technology*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1988.

- BONOMO, Mariano *et al.* A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International*, v. 356, p. 54-73, 2015. DOI: 10.1016/j.quaint.2014.10.050.
- BROCHADO, José P. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. *CLIO*, v. 3, n. 1, 1980. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24653/19927>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- BROCHADO, José P. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. 1984. Tese (Doutorado em Arqueologia) – University of Illinois, Urbana (US), 1984.
- BROCHADO, José P.; MONTICELLI, Gislene. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 20, n. 2, p. 107-118, 1994. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/download/29004/16090>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- BROCHADO, José P.; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo S. Analogia etnográfica na reconstrução das vasilhas Guarani arqueológicas. *Veritas*, v. 35, n. 140, p. 727-743, 1990.
- CHMYZ, Igor. Modelagens cerâmicas em sítios Tupiguarani do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. In: PROUS, André; LIMA, Tania A. (ed.). *Os ceramistas Tupiguarani: volume II – Elementos decorativos*. Belo Horizonte: Superintendência do Iphan em Minas Gerais, 2010. p. 85-108. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/os\\_ceramistas\\_tupiguarani\\_vol2\\_elementos\\_decorativos.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/os_ceramistas_tupiguarani_vol2_elementos_decorativos.pdf). Acesso em: 28 abr. 2023.
- CORRÊA, Ângelo A. Datações na bibliografia arqueológica brasileira a partir dos sítios Tupi. *Cadernos do Lepaarq*, v. 14, n. 27, p. 379-406, 2017. DOI: 10.15210/LEPAARQ.V14I27.9595.
- CORRÊA, Ângelo A. *Pindorama de mboia e iakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi*. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI: 10.11606/T.71.2014.tde-17102014-154640.
- CORRÊA, Ângelo A. Resultados preliminares da tecnotipologia do sítio arqueológico Primavera. In: OLIVEIRA, Ana P. de P. L. de (org.). *Arqueologia e patrimônio da Zona da Mata Mineira: São João Nepomuceno*. Juiz de Fora: Editar, 2004. p. 91-103.
- CORRÊA, Ângelo A. *Tetama nas matas mineiras: sítios Tupi na microrregião de Juiz de Fora – MG*. 2009. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. DOI: 10.11606/D.71.2009.tde-30042009-135816.
- CORRÊA, Ângelo A.; SAMIA, Danielle G. Cronologia da Tradição Arqueológica Tupiguarani. *FUMDHAMentos*, v. 7, p. 404-416, 2008. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/41521461/Correa\\_e\\_Samia\\_2006\\_Cronologia\\_da\\_Tradicao\\_Arqueologica\\_Tupiguarani.pdf](https://www.academia.edu/download/41521461/Correa_e_Samia_2006_Cronologia_da_Tradicao_Arqueologica_Tupiguarani.pdf). Acesso em: 28 abr. 2023.
- CORRÊA-DA-SILVA, Beatriz C. *Mawé/Aweti/Tupí-Guaraní: relações linguísticas e implicações históricas*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36838>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- CRUZ, Daniel G. da. *Lar, doce lar? Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná (RO)*. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DOI: 10.11606/D.71.2009.tde-06082009-155257.
- GARCIA, Lorena L. W. G. *Arqueologia na região do interflúvio Xingu-Tocantins: a ocupação Tupi no Cateté*. 2012. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. DOI: 10.11606/D.71.2012.tde-16052012-143440.

- GARCIA, Lorena L. W. G. *Paisagens do médio-baixo Xingu: arqueologia, temporalidade e historicidade*. 2017. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: 10.11606/T.71.2017.tde-31082017-142914.
- HECKENBERGER, Michael J. *War and peace in the shadow of empire: sociopolitical change in the Upper Xingu of Southeastern Amazonia, AD 1400-2000*. 1996. Tese (Doutorado em Antropologia) –University of Pittsburgh, Pittsburgh (US), 1996.
- HEIDER, Karl G. Archaeological assumptions and ethnographical facts: a cautionary tale from New Guinea. *Southwestern Journal of Anthropology*, v. 23, p. 52-64, 1967. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.1086/soutjanth.23.1.3629293>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2002.
- LA SALVIA, Fernando.; BROCHADO, José P. *Cerâmica Guarani*. 2. ed. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.
- MEGGERS, Betty *et al.* Implications of archaeological distributions in Amazonia. In: VANZOLINI, P. E.; HEYER, W. Ronald. *Proceedings of a Workshop on Neotropical Distribution Patterns held 12-16 January 1987*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1988. p. 275-294.
- MELLO, Antônio; KNEIP, Andreas. Diálogo linguística-arqueologia: origem e dispersão dos povos Tupi-Guarani. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 13., 2005, Campo Grande. *Anais [...]*. Pelotas: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005.
- MILLER, Eurico T. A cultura cerâmica do tronco Tupí no Alto Ji-Paraná, Rondônia, Brasil: algumas reflexões teóricas, hipotéticas e conclusivas. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 1, n. 1, p. 35-136, 2009. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/download/12288/10774>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- NOELLI, Francisco S. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guaraní. *Revista de Indias*, v. 64, n. 230, p. 17-34, 2004. DOI: 10.3989/revindias.2004.i230.408.
- NOELLI, Francisco S. Repensando os rótulos e a história dos Jê no sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, supl. 3, p. 285-302, 1999. DOI: 10.11606/issn.2594-5939.revmaesupl.1999.113474.
- NOELLI, Francisco S. Resenha da obra de: PROUS, André. *Arte Pré-Histórica no Brasil*. Belo Horizonte: C/Arte, 2007. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 17, p. 495-496, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/67138317/92613.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- NOELLI, Francisco S. *Sem Tekohá não há Teko: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio do Delta do Rio Jacuí-RS*. 1993. Dissertação (Mestrado em História Ibero-Americana) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- NOELLI, Francisco S. The Tupi Expansion. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William H. (ed.) *The Handbook of South American Archaeology*. New York (US): Springer, 2008. p. 659-670. DOI: 10.1007/978-0-387-74907-5\_33.
- NOELLI, Francisco S.; SALLUM, Marianne. Por uma história da linguagem da Cerâmica Paulista: as práticas compartilhadas pelas mulheres. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 13, n. 1, p. 367-396, 2021. DOI: 10.26512/rbla.v13i01.40664.

- OLIVEIRA, Claudia. As fronteiras tecnológicas de grupos pré-históricos ceramistas do Nordeste. In: OLIVEIRA, Ana P. de P. L. de (org.). *Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani*. Juiz de Fora: UFJF, 2009. v. 1, p. 131-150.
- PANACHUK, Lilian; CARVALHO, Adriano. Modelagens de barro em sítios Tupiguarani. In: PROUS, André; LIMA, Tania A. (ed.). *Os ceramistas Tupiguarani: volume II – Elementos decorativos*. Belo Horizonte: Superintendência do Iphan em Minas Gerais, 2010. p. 57-84. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/os\\_ceramistas\\_tupiguarani\\_vol2\\_elementos\\_decorativos.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/os_ceramistas_tupiguarani_vol2_elementos_decorativos.pdf). Acesso em: 28 abr. 2023.
- PÄRSSINEN, Martti. When did the Guarani expansion toward the Andean foothills begin? In: PÄRSSINEN, Martti; Korpisaari, Antti. *Western Amazonia – Amazônia ocidental: multidisciplinary studies on ancient expansionist movements, fortifications and sedentary life*. Helsinki: Renvall Institute, 2003. p. 73-95.
- PONTIM, Rute de L. *A Tradição Tupiguarani na Bacia do Alto Tocantins*. 2011. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-17102011-162714/publico/Rute.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- PONTIM, Rute de L. *Configuração do povoamento pré-colonial do norte goiano: o caso dos grupos ceramistas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- ROCHA, Bruna C. Ipi Ocemumuge: a regional archaeology of the Upper Tapajós River. 2017. Dissertation (PhD in Archaeology) – Institute of Archaeology, University College London, London, 2017. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/1558734>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- RODRIGUES, Aryon D. Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupí-Guaraní. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 2., 1999, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Abralin, 2000. 1 CD-ROM.
- RODRIGUES, Aryon D. Proto-Tupí evidence for agriculture. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ETHNOBIOLOGY, 1., Belém, 1988. *Anais [...]*. Gainesville (US): International Society of Ethnobiology, 1988.
- RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana S. A. C. Tupían. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (ed.). *The Indigenous Languages of South America*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. v. 2, p. 495-574.
- RODRIGUES, Aryon D.; HAUPTMANN, Arnaldo; HARTMANN, Thekla. A classificação do tronco linguístico Tupí. *Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1/2, p. 99-104, 1964. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41615767>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- ROGGE, Jairo H. *Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul*. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Históricos Latino Americanos) – Unisinos, São Leopoldo, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2162>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- SALLUM, Marianne; NOELLI, Francisco S. An archaeology of colonialism and the persistence of women potters' practices in Brazil: from Tupiniquim to Paulistaware. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 24, p. 546-570, 2020. DOI: 10.1007/s10761-019-00517-8.
- SCATAMACCHIA, Maria C. M.; CAGGIANO, Maria A.; JACOBUS, André L. O aproveitamento científico de coleções museológicas: proposta para a classificação de vasilhas cerâmicas da tradição Tupiguarani. *CLIO*, n. 4, p. 89-94, 1987. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/247576/0>. Acesso em: 28 abr. 2023.

- SILVA, Fabíola A.; GARCIA, Lorena L. V. G. Território e memória dos Asurini do Xingu: arqueologia colaborativa na T.I. Kuatinemu, Pará. *Amazonica*, v. 7, n. 1, p. 74-99, 2015. DOI: 10.18542/amazonica.v7i1.2152.
- SILVA, Fabíola A.; NOELLI, Francisco S. Mobility and territorial occupation of the Asurini do Xingu, Pará, Brazil: an archaeology of the recent past in the Amazon. *Latin American Antiquity*, v. 26, n. 4, p. 493-511, 2015. DOI: 10.7183/1045-6635.26.4.493.
- SILVA, Fabíola A.; BESPALAZ, Eduardo; STUCHI, Francisco F. Arqueologia colaborativa na Amazônia: Terra Indígena Kuatinemu, Rio Xingu, Pará. *Amazonica*, v. 3, n. 1, 2011. DOI: 10.18542/amazonica.v3i1.629.
- WIESSNER, Polly. Style and changing relations between the individual and society. In: HODDER, Ian (ed.). *The meanings of things*. London: Routledge, 1989. p. 56-63.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. *Programa de prospecção e resgate arqueológico – Projeto Jaguar – Município de São Félix do Xingu, Estado do Pará: Relatório Final da Etapa de Prospecção*. São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2012.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. *Programa de resgate do patrimônio arqueológico, histórico e cultural ferrovia Transnordestina trecho Missão Velha (CE) – Salgueiro (PE): relatório final*. São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2008. v. 1.
- ZIMPEL NETO, Carlos Augusto. *Na direção das periferias extremas da Amazônia: arqueologia na Bacia do Rio Jiparaná, Rondônia*. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. DOI: 10.11606/D.71.2009.tde-01112012-165047.